



AQUILOMBANDO CHÃO DE ESTRELAS: AS GEOGRAFIAS NEGRAS DO MARACATU-NAÇÃO CAMBINDA ESTRELA (RECIFE -PE)¹

Larissa Lima de Souza²

RESUMO

O presente trabalho busca visibilizar e refletir sobre as estratégias de quilombamento agenciadas pelas atuais lideranças e demais detentore(a)s do Maracatu-Nação Cambinda Estrela, agremiação autointitulada “Quilombo de Chão de Estrelas” e sediada na comunidade de Chão de Estrelas, bairro Campina do Barreto, zona norte de Recife (PE). Os dados são provenientes de trabalhos de campo e entrevistas com as lideranças, realizados no segundo semestre de 2022, postos em diálogo com a bibliografia específica de autora(e)s da Geografia e outros campos das chamadas Ciências Humanas, como a História e a Antropologia. A pesquisa demonstrou que a articulação cultural em torno do maracatu-nação Cambinda Estrela, através das iniciativas promovidas pelo Centro Cultural Cambinda Estrela (projeto social da nação desde os anos 2000 que, atualmente, também abarca um afoxé e um grupo de coco), tem sido ferramenta para cidadania de pessoas negras de várias faixas etárias que residem em Chão de Estrelas, comunidade periférica da cidade de Recife. Territorialidade (em termos de conhecimento, pertencimento e atuação no território da comunidade), coletividade, afirmação racial positiva e trabalho comunitário articulado em rede com ONGs (como a Central Única de Favelas) e outras instituições têm garantido direitos sociais e a salvaguarda do patrimônio cultural, o que nos permite afirmar a existência de uma geografia negra para além do Carnaval.

Palavras-chave: Geografias Negras; Espaço do Sujeito; Quilombismo; Maracatu Nação Cambinda Estrela; Cidadania.

ABSTRACT

This work seeks to make visible and to reflect on the “quilombamento” strategies implemented by the current leaders and other holders of Maracatu-Nação Cambinda Estrela, an association self-titled “Quilombo de Chão de Estrelas” and based in the community of Chão de Estrelas, at Campina do Barreto’s neighborhood, at the northern zone of Recife (Pernambuco state). The data comes from fieldwork and interviews with leaders, carried out in the second half of 2022, put in dialogue with the

¹ Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido, sobretudo, ao longo do Doutorado Sanduíche no País cursado na Universidade Federal de Pernambuco (no Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política - LEC-Geo UFPE) e contou com financiamento do CNPq, do Colégio Pedro II e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ. Agradeço às instituições citadas por tornarem possível minha imersão em campo, assim como à Wanessa Paula dos Santos e mestre Adriano Santos e toda a comunidade detentora do maracatu-nação Cambinda Estrela pelo acolhimento e disponibilidade ao diálogo. Também presto agradecimentos ao grupo Grupo de Pesquisas sobre Geografias Negras e Indígenas (GENÍ-UFPE) pela troca frutífera em nossos encontros para discussões teórico-metodológicas.

² Docente do Departamento de Geografia do Colégio Pedro II e Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Território (Geoppol) desta mesma Universidade. Email: larissa.souza.1@cp2.edu.br.

specific bibliography of authors in Geography and other fields of the Human Sciences, such as History and Anthropology. The research demonstrated that the cultural articulation around the Maracatu-Nation Cambinda Estrela, through the initiatives promoted by the Cambinda Estrela Cultural Center (a social project of this nation since the 2000s which, currently, also includes an “afoxé” and a “coco” group), has been a tool for citizenship for black people of various ages who live in Chão de Estrelas, a peripheral community. Territoriality (in terms of knowledge, belonging and action in the community's territory), collectivity, positive racial affirmation and community work articulated in a network with NGOs (such as Central Única de Favelas) and other institutions have guaranteed social rights and the safeguarding of cultural heritage, which allows us to affirm the existence of a black geography beyond Carnival.

Keywords: Black Geographies; Space of the Subject; Quilombism; Maracatu-Nation Cambinda Estrela; Citizenship.

INTRODUÇÃO

As práticas culturais e/ou religiosas negras e seus/suas fazedore(a)s, por muito tempo, foram “objeto de estudo” das ciências humanas, que as/os representavam a partir de uma perspectiva eurocentrada a qual inferiorizava e/ou folclorizava (Hall, 2016). No Brasil, os conhecimentos e o universo simbólico em que se baseiam tais práticas culturais, sofreram, portanto, um processo de estigmatização que se estendeu às pessoas negras e a seus territórios de vida, como é o caso do Maracatu-Nação (Ferreira, 2016), patrimonializado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2014.

O Maracatu-Nação pode ser compreendido enquanto um “texto criativo negro” (McKittrick, 2021), pois é uma forma de expressão afrodiáspórica fortemente marcada por religiosidades de matriz-africana (culto aos orixás) e afro-indígena (Jurema, Umbanda) e praticada até hoje por sujeitos majoritariamente negros e negras que vivem em bairros periféricos da Região Metropolitana de Recife (Lima, 2014; Ferreira, 2012, 2016). É no Carnaval que as comunidades detentoras, denominadas nações de maracatu, ganham maior destaque e visibilidade, ao realizarem cortejos em espaços centrais da cidade de Recife (Guillen, 2018; Ferreira, 2013, 2016), sempre compostos por uma corte simbólica e um baque, combinando o canto, a dança e o toque percussivo. Sua linguagem musical do baque virado se expandiu espacialmente e, atualmente, marca simbolicamente o espaço de várias cidades brasileiras e estrangeiras; no entanto, detentore(a)s desse patrimônio ainda convivem com um cotidiano marcado por profundas desigualdades socioterritoriais.

Este trabalho integra minha pesquisa (em desenvolvimento) de Doutorado em Geografia, e considera os conceitos de “quilombismo” e “espaço do sujeito”, propostos, respectivamente, por Abdias do Nascimento (1980) e Katherine McKittrick (2006), para



visibilizar e refletir sobre as estratégias de aquilombamento em prol da cidadania agenciadas pelas atuais lideranças e demais detentore(a)s do Maracatu-Nação Cambinda Estrela, agremiação autointitulada “Quilombo de Chão de Estrelas” sediada e reativada em 1997 na comunidade de Chão de Estrelas, bairro Campina do Barreto, zona norte da cidade de Recife (ver Mapa 1 abaixo).

Mapa 1- Localização da sede do Maracatu-Nação Cambinda Estrela na comunidade de Chão de Estrelas – Recife (PE)



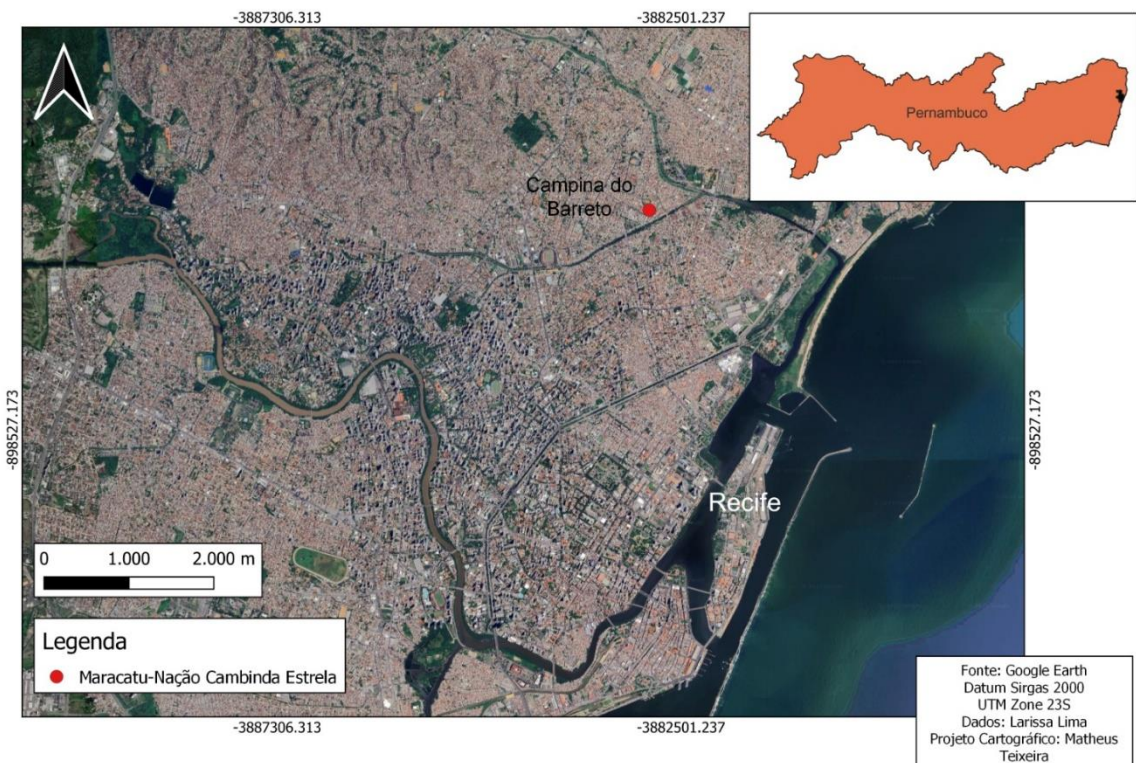
O bairro de Campina do Barreto está próximo a Água Fria, Cajueiros, Peixinhos e Arruda, e se situa (em linha reta) a, aproximadamente, 5,2 km do Marco Zero da cidade de Recife no Recife Antigo (ver Mapa 2 abaixo) . É um bairro situado na margem direita do baixo Beberibe, sendo majoritariamente ocupado jovens e adultos, negros (somando-se autodeclarados pretos e pardos), com rendimento nominal médio mensal dos domicílios de R\$ 1.088,80 e 48,68% de mulheres responsáveis por domicílios³. A maior parte do bairro é ocupada

³ Dados estatísticos do bairro foram publicizados pela Prefeitura da Cidade de Recife, com base no Censo do IBGE de 2010, e disponibilizados em <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/campina-do-barreto>. Ainda não houve atualização com base no Censo de 2022.

pela comunidade de Chão de Estrelas⁴, a qual surgiu no início dos anos 1980 a partir da mobilização popular por moradias que acabou culminando em um projeto de reassentamento de famílias atingidas frequentemente pelas cheias do Rio Beberibe entre os bairros de Campina do Barreto e Peixinhos, os quais englobam a área deste projeto público de habitação popular.

Mapa 2 – Situação geográfica do Maracatu-Nação Cambinda Estrela em relação ao bairro do Recife Antigo – Recife (PE)

Localização do Maracatu-Nação Cambinda Estrela



Através deste trabalho, busca-se contribuir para a construção coletiva de Geografias Negras em termos epistêmicos e metodológicos (Guimarães, 2020), não somente localizando pessoas e práticas culturais negras, mas, sobretudo, evidenciando suas agências em prol da **emancipação** diante de suas condições socioterritoriais, como recomenda Mckittick (2006, 2021).

Os dados apresentados são provenientes de trabalhos de campo e entrevistas realizadas no segundo semestre de 2022 e em Fevereiro de 2023, postos em diálogo com a bibliografia específica de autora(e)s da Geografia e outros campos das chamadas Ciências Humanas.

⁴ Cabral (2013) desenvolveu sua tese de doutoramento em Geografia sobre a comunidade de Chão de Estrelas a partir da dinâmica de reivindicação popular por moradia e a ação estatal e afirma a existência de uma cidadania inacabada para os moradores, mesmo após o reassentamento ocorrido.



A pesquisa demonstrou que a articulação cultural em torno do maracatu-nação Cambinda Estrela, através das iniciativas promovidas pelo Centro Cultural Cambinda Estrela tem sido ferramenta para cidadania de pessoas negras de várias faixas etárias que residem em Chão de Estrelas, comunidade periférica da cidade de Recife.

METODOLOGIA

Os dados primários são provenientes, sobretudo, de minha inserção em campo ao longo dos meses de Doutorado Sanduíche no País, desenvolvido na Universidade Federal de Pernambuco com a supervisão do professor Caio Augusto Amorim Maciel, coordenador do grupo Lec-Geo.

Foram realizadas entrevistas com as lideranças da nação Cambinda Estrela e observações em campo feitas entre os meses de Julho a Novembro 2022 e ao longo do mês de Fevereiro de 2023, na sede deste e de outros maracatus-nação, assim como em espaços centrais de Recife, em que houve apresentações públicas. Os dados de campo foram postos em diálogo com dados secundários a partir de bibliografia específica de autora(s) da Geografia e outras Ciências Humanas, sobretudo a História e a Antropologia.

Foram entrevistadas a presidente Wanessa Paula Santos e o mestre do baque Adriano Santos, conhecido como mestre Mumu. Ambos foram entrevistados na sede do Centro Cultural Cambinda Estrela, em dias diferentes. Tal escolha ocorreu pelo fato de este trabalho integrar uma pesquisa maior que resultará em minha tese, bem como por razões estratégicas em termos de aproveitamento do tempo ao longo do período de campo em Recife (dedicado a conversar e entrevistar formalmente lideranças de outras nações de maracatu).

Para a gravação das entrevistas, foi utilizado somente um aparelho de celular. Os trabalhos de campo propriamente ditos foram precedidos pela explicação sobre a pesquisa e assinatura do termo de anuência, pela presidência da agremiação (neste caso, pela própria Wanessa Paula); e as entrevistas também somente ocorreram após a autorização formal de uso das imagens e depoimentos dos entrevistados através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para maiores de idade, em que me responsabilizei a armazenar os dados coletados pelos cinco anos seguintes e a utilizá-los somente para fins acadêmicos e não-comerciais. Por esta razão, não serão divulgadas fotografias em que apareçam o rosto dos integrantes do Maracatu-Nação Cambinda Estrela menores de idade e/ou daqueles que não me concederam o direito de uso de imagem por não terem sido entrevistados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa situa-se no campo das Geografias Negras, ou *Black Geographies* em língua inglesa, e tem sido construída a partir de um diálogo entre autoras e autores que buscam, através da Geografia, afirmar as existências e estratégias de luta em prol de comunidades negras da diáspora.

Uma importante referência no campo das Geografias Negras brasileiras para minha pesquisa são os estudos da geógrafa Geny Ferreira Guimarães, a qual propõe o desafio da construção de uma teorização e prática metodológica enegrecidas, em um sentido afirmativo, partindo “desde dentro” (Guimarães, 2015) de nossa comunidade, valorizando a produção intelectual afrodiaspórica, afrobrasileira.

Conceitualmente, parto da ideia de **espaço do sujeito** (*space of the subject*), cunhada pela geógrafa negra canadense Katherine McKittrick (2006) para marcar a necessidade de visibilizarmos e reconhecermos as ações de sujeitos negros e negras no espaço, as suas geografias. Quando não o fazemos, contribuimos para o que a autora denomina **espaço transparente** (*transparent space*), que é o “espaço visto como inocente” (McKittrick, 2006, p.6), isto é, quando se naturalizam as diferenças e as hierarquias no espaço.

Devido ao racismo fundante da sociedade brasileira, geralmente as pessoas negras e as pessoas que constroem, cotidianamente, os patrimônios imateriais negros, são vistas como meramente “alegorias”, como afirma Ferreira (2016). Vistas como folclore, têm diminuído o seu potencial de agência e a sua representação como sujeitos de suas próprias vidas e de seus próprios **territórios** e **(multi)territorialidades** (Haesbaert, 2014). Nos termos de Haesbaert (2014),

“Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com o poder, mas não apenas com o tradicional poder político. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação.” (Haesbaert, 2014, p.57)

Territorialidade é compreendida como a condição para a existência (ainda que apenas imaterial/simbólica) de um território e “além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais” (Haesbaert, 2014, p.59). Dentre as diferentes abordagens existentes em relação ao conceito de territorialidade, considero mais

adequada para a compreensão das dinâmicas espaciais - territoriais- do Cambinda Estrela partir de uma perspectiva mais efetiva, conjugando materialidade e imaterialidade, e, sobretudo, a territorialidade como “espaço vivido” (Haesbaert, 2014, p.65), sendo o território pensado por seus maracatuzeiros e maracatuzeiras através de seu valor de uso e da identificação simbólico-cultural (afinal, “Quilombo de Chão de Estrelas” é a autodenominação da comunidade detentora do maracatu). A multiterritorialidade, por sua vez, “envolve a experiência efetiva de múltiplos territórios e/ou territorialidades” (Haesbaert, 2014, p.76), seja pelo deslocamento físico ou pelas interações virtuais (Haesbaert, 2014).

A perspectiva de **quilombo** e **quilombismo** proposta por Abdias Nascimento também é uma das principais linhas de reflexão teórico-conceitual deste trabalho por representarem conceitos que podem auxiliar na compreensão da articulação e da prática de diversas ações utilizadas pela nação de maracatu Cambinda Estrela voltadas tanto para detentora(e)s do maracatu-nação quanto para o território da comunidade de Chão de Estrelas.

Para este autor, “Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial.” (Nascimento, 1980, p.263) e, além de sempre fazerem referência a “focos de resistência” (Nascimento, 2019 [1980], p.281), esta pode estar vinculada tanto à uma dimensão material quanto simbólico-cultural. Nesse sentido, podemos considerar desde as/os “redes de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras” (Nascimento, 2019 [1980]), p.281) quanto os quilombos não legalizados, como o autor problematiza. Eu acrescentaria os maracatus também como quilombos contemporâneos, sobretudo na dimensão simbólico-cultural. No entanto, o Cambinda Estrela nos traz elementos para pensarmos um aquilombamento - ou quilombismo, nos termos de Abdias- desde a dimensão física/material, igualmente.

O quilombismo, tal como interpretado por Abdias Nascimento (1980), nunca é estático, adaptando-se às condições espaço-temporais. Neste trabalho, então, quilombismo representa uma **territorialidade** em busca da “sobrevivência e progresso das comunidades de origem africana” (Nascimento, 1980, p.255-236), através de princípios como o comunitarismo; o direito à memória e às culturas africanas e afro-brasileiras; a luta pela dignidade da vida de pessoas negras; e o reconhecimento da ciência como um dos saberes existentes, mas não o único tal qual a razão ocidental nos propõe (Nascimento, 1980).

Pensar essas geografias negras em um contexto cultural do maracatu-nação significa, sobretudo, visibilizar as agências no/através do espaço e pensar sobre as mesmas. A partir das contingências socioespaciais, quais são as soluções encontradas em busca de cidadania e continuidade das práticas culturais, de seu patrimônio?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atual nação de maracatu Cambinda Estrela trata-se de uma agremiação reativada na Comunidade Chão de Estrelas em 1997 (Cabral, 2013, p.234), quando o bairro ainda não possuía uma familiaridade com maracatus (Lima, 2010). De acordo com Isabel Guillen, entre os anos 1930 e 1980, um maracatu homônimo era sediado no Alto Santa Isabel, “primeiro como maracatu de orquestra, para nos anos sessenta virar o baque e se tornar maracatu-nação”⁵ (Guillen, 2006, p.107). Ivaldo Lima, historiador, ex-mestre e articulador do Cambinda Estrela, afirma em sua tese que este maracatu já esteve sediado em outras localidades da zona norte de Recife, tais como o Alta Santa Isabel, em Casa Amarela (até o final dos anos 1980), e Alto do Mandú (Lima, 2010, p.184).

No ano 1997, a nação Cambinda Estrela foi reativada e passou a ter Ivaldo Marciano de França Lima à frente do apito até o ano de 2013, quando o baque foi assumido por Adriano Santos⁶ (mestre Mumu) o qual permanece até os dias atuais nesta função. No início dos anos 2010, esta nação já era conhecida por desenvolver uma “luta principalmente pelo respeito do desenvolvimento social da comunidade” (Cabral, 2013, p.234). Em Ferreira (2013), inclusive, são destacadas as ações de mobilização do maracatu Cambinda Estrela e reivindicação junto ao poder público municipal pelo calçamento e esgotamento sanitário das ruas de Chão de Estrelas.

Uma das estratégias espaciais de fortalecimento da comunidade detentora deste maracatu foi a compra de um imóvel para uso coletivo. Este é um princípio básico do quilombismo proposto por Abdias Nascimento (1980): a propriedade coletiva. Há diversos arranjos espaciais possíveis para as sedes dos maracatus, desde aqueles que possuem sedes próprias voltadas a esta finalidade (minoria), até aquelas sedes compartilhadas com a residência de uma das lideranças e/ou com o espaço sagrado de um terreiro (Ferreira, 2012, 2016). O Cambinda Estrela faz parte do pequeno grupo de maracatus que conseguiu adquirir uma sede cujo espaço é diretamente voltado à função cultural (e não residencial). Apesar de não abrigar um terreiro, parte das obrigações religiosas ao orixá Xangô, que rege espiritualmente esta nação

⁵ Sobre esta categorização e suas implicações, ver Lima (2020).

⁶ Em entrevista concedida à autora em Outubro de 2022, mestre Adriano Santos afirmou que passou a integrar a percussão do Cambinda Estrela enquanto batuqueiro em 2006, tendo atuado também como contra-mestre antes de assumir a liderança do baque; e que, anteriormente, chegou a participar da nação Encanto da Alegria (na época, o maracatu era presidido por mãe Ivanize e o baque era liderado por mestre Toinho, atual mestre da nação Baque Forte) e também da nação Sol Nascente, de senhor Ubiracy Ferreira.

Juntamente com Oxum e Iansã), é realizada na cozinha do edifício que abriga o Centro Cultural Cambinda Estrela⁷.



Figura 1 - Fachada da atual sede do Maracatu-Nação Cambinda Estrela, “maracatu de festa e luta”, na comunidade de Chão de Estrelas, Campina do Barreto, zona norte de Recife. Foto: A autora, Outubro de 2022.

Quando o Cambinda Estrela foi reativado em Chão de Estrelas, ainda não possuía uma sede própria. De acordo com Wanessa Paula Conceição Santos⁸, no endereço atual da sede havia uma pequena escola (construída em palafita) e os ensaios do maracatu ocorriam em frente a sua residência (Rua Marcílio Dias), a qual ficava à frente da antiga sede do maracatu Indiano⁹. Em suas palavras,

“O Cambinda, logo no início quando ele chegou aqui em Chão de Estrelas, ele não tinha sede, ainda. Ele ficava...os materiais dele ficavam lá em casa, ficavam os bombos, ficavam alguns materiais lá em casa; ficava um pouco do material na casa de Pai Marivaldo que é aqui na rua Rio Fundo, ficava também na casa de outras pessoas da agremiação, né, algumas roupas, alguns figurinos...saiu pra gente se organizar. Eu agora também não lembro a data que a gente comprou a sede, eu posso ver, também, pra te falar. Mas aí quando a gente...a sede, ela anda também nesse meu caminhar, tá ali naquele...nesse propósito, nessa linha de raciocínio. Porque quando eu tô ali, dos quinze,

⁷ Informação concedida à autora pela atual presidente da nação, Wanessa Paula dos Santos, em entrevista na própria sede, em Outubro de 2022.

⁸ Em entrevista concedida à autora em Outubro de 2022, Wanessa afirmou que passou a integrar o maracatu no final dos anos 1990 e que, naquele momento, era a única mulher no baque do Cambinda Estrela.

⁹ Informação concedida à autora pela atual presidente da nação, Wanessa Paula dos Santos, em entrevista na própria sede, em Outubro de 2022.

dezessete, dezesseis anos, né, a gente começa a entender muita coisa dentro da comunidade, começa a ter vivências, né? E a partir de determinado momento, a gente decidiu começar, dentro do Projeto social Cambinda Estrela, né, as aulas do EJA, que são aulas de jovens e adultos. A partir daí, a gente, é...eu comecei a conversar com o pessoal da direção na época e disse ‘Oh, minha gente, tem que ter um espaço.’. Porque antigamente, eu dava aula no terreiro de Pai Marivaldo, que era na rua Rio Fundo como eu citei, esse mesmo integrante que, por sinal, até hoje ele faz parte da nação, né. É um dos fundadores do Cambinda Estrela, assim, e quando ele vem pra Chão de Estrelas, é uma das figuras representativas. E comecei a dar aula lá.”¹⁰

Após, as aulas de EJA ministradas por Wanessa passaram a ocorrer na antiga escola localizada no atual endereço da sede. Quando a escola se mudou, o maracatu, então, conseguiu alugar aquele imóvel, que tinha muitos problemas estruturais e, aos poucos, foram sendo realizadas obras para melhoria do espaço. Após dois ou três anos de aluguel, decidiu-se em assembleias gerais que iriam comprar o imóvel para o maracatu e, quando houve recurso disponível para uma grande reforma, decidiram demolir o antigo imóvel e construir um novo por questão de segurança.

“Aí, no caso, as reuniões que eram feitas...aí decidimos que iríamos, através do recurso das apresentações do Carnaval, juntar para começar a dar entrada na compra da casa, né. Aí a gente fez reuniões e tal...aí foi que eu tive a ideia de a gente ir atrás de apresentações pra poder juntar e comprar a casa. Na época, era R\$35.000. Era tipo...era caro! Era algo caro. Era como se hoje fosse comprar uma casa de R\$200.000. Tava fora do orçamento, né? Mas aí a gente teve aquela ideia: ‘Não, a gente vai atrás de apresentação, a gente vai tocar no interior, vai tocar...’. Antigamente tinha muita apresentação em Olinda, né. Aí, ‘vamos tocar no Passódromo, vamos tocar não sei aonde...’. Aí nesse ano a gente dividiu o maracatu em três, quatro pedaços, pra poder conseguir arrecadar verba pra juntar e comprar. A gente conseguiu o dinheiro todo? Não. Mas a gente conseguiu dar entrada tipo, em R\$15.000. Aí a gente sabia que tinha que pagar o resto; então a gente passou o ano todinho correndo atrás de recurso. A gente lançou, à época, a gente lançou até uma campanha (risos), mas a gente arrecadou na época acho que foi tipo uns R\$600. Fez uma ‘vaquinha’, naquele site da ‘vaquinha’, né, e conseguiu arrecadar R\$600 na época, né...não tinha muito esse alcance de rede social, aí a gente alcançou essa quantidade, né.”¹¹

Outra estratégia inovadora do Cambinda Estrela foi organização - inclusive jurídica-, no início dos anos 2000, de um Centro Cultural em sua sede que abrigaria outras iniciativas culturais e agremiações além da nação de maracatu. Atualmente, além das atividades desenvolvidas pela nação de maracatu, que vão desde oficinas de percussão e de confecção de instrumentos, momentos de aprendizado de corte e costura de fantasias, etc, e das aulas de EJA

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

o reforço escolar, a sede do Centro Cultural Cambinda Estrela também abriga as atividades do maracatu mirim, Afoxé Omulu Pá Kerú Awo¹² e do grupo Coco dos Pretos, ambos articulados pelo casal Wanessa Paula e Adriano Santos. Tal estratégia de criação de um centro cultural¹³ amplia as possibilidades de aquisição de recursos de financiamentos (públicos e/ou privados) voltados para grupos culturais. É possível afirmar que as estratégias de aquilombamentos físico/material (neste caso, me refiro à compra da sede) e simbólico-cultural se associaram em prol do fortalecimento do maracatu e da comunidade detentora.



Figuras 2 e 3 - Detalhes da ilustração do muro lateral do Centro Cultural Cambinda Estrela, sede da nação de maracatu Cambinda Estrela e do Coco dos Pretos e Afoxé Omulu Pá Kerú Awo. Foto: A autora, Setembro de 2022.

Aquilombar-se tem sido a práxis dessa nação de maracatu sob a liderança de Wanessa e Adriano. A respeito da autodenominação “Quilombo de Chão de Estrelas”, o mestre afirma:

“A gente é uma comunidade, né, em sua maioria, de gente negra, descendentes de...de pessoal de terreiro antigo, enfim...Então, por que não se intitular um quilombo? **A gente tá numa comunidade que a gente vive guerreando por melhoras: por saneamento, por escola boa. Então a gente é quilombola.** Então a gente tem que tá brigando e se...se intitular como quilombola, sim. Não é vergonhoso. A gente é preto mesmo, a gente tem que se assumir como preto, a gente tem que lutar pelas melhoras. Então...Quilombo de Chão de

¹² Em entrevista realizada em Outubro de 2022, Wanessa Paula Santos afirmou que criou este afoxé após recomendações recebidas pelo orixá regente deste grupo através de um jogo de búzios.

¹³ Em 2022, verifiquei em trabalho de campo que outras nações de maracatu também passaram a se organizar juridicamente em Centros Culturais após o Cambinda Estrela, como é o caso da Nação de Oxalá, sediada na comunidade do Coque, em Recife.



Estrelas!” (Mestre Adriano Santos, em entrevista concedida em Outubro de 2022).

Primeiramente, é necessário pontuar que o Cambinda Estrela, apesar de não descartar a possibilidade de acolher pessoas “de fora” que queiram contribuir efetivamente na nação, é um maracatu cujas ações de fortalecimento são mais voltadas à comunidade, majoritariamente negra, que integra o território de Chão de Estrelas. Mestre Adriano, em conversa informal, afirmou que sua estratégia para manter um baque tão preto em um contexto de embranquecimento dos maracatus (e outras culturas negras de modo geral) é a oferta contínua de oficinas gratuitas de percussão para a comunidade em que se situa a nação.



Figuras 4 e 5 - Oficina de percussão da nação Cambinda Estrela, voltada a integrantes do maracatu e aberta à comunidade de Chão de Estrelas (à esquerda), ministrada por mestre Mumu (à direita). Fotos: A autora, Outubro de 2022.

De acordo com Wanessa, que é pedagoga, “o Maracatu-Nação é um caminho para a formação dos detentores”¹⁴. É com base neste princípio que o Cambinda Estrela realiza sua organização interna de forma semestral, em que se discutem e planejam eventos externos em que a nação participará ou promoverá em sua sede, como ocorrerão as aulas de reforço, cineclube, palestras/oficinas formativas (como as de audiovisual e as discussões sobre racismo, antirracismo e afirmação racial positiva).

¹⁴ Entrevista concedida em Outubro de 2022, na sede da nação.



Figura 6 - Wanessa Paula Santos, em entrevista concedida à autora. Foto: A autora, Outubro de 2022.

Um dos objetivos dessas ações do Cambinda é fortalecer a autoestima de crianças e jovens negros, assim como possibilitar caminhos para a cidadania de seus membros detentores de todas as faixas etárias. Exemplo das estratégias utilizadas para atingir este objetivo, em termos educacionais e profissionais, são: oferta de Educação de Jovens e Adultos na sede, aulas de reforço escolar, estabelecimento de parcerias com programas de estágio como o CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola).

Boa parte das atividades organizadas são propostas a partir do **censo anual** que a nação realiza com detentore(a)s e suas famílias, para compreender sua condição socioeconômica e articular ações para sua melhora. É através deste mapeamento que as lideranças também conseguem obter dados sobre a saúde da comunidade do maracatu e, em casos da existência de certas doenças mais comuns na população negra, como a anemia falciforme, já articulam com o Posto de Saúde público do bairro o acompanhamento de quem precisar. Conforme afirmou Abdias Nascimento: “Assegurar a condição humana do povo afro-brasileiro, há tantos séculos tratado e definido de forma humilhante e opressiva, é o fundamento ético do quilombismo” (Nascimento, 2019 [1980], p.291), princípio que também orienta as práticas dos sujeitos do Cambinda Estrela.

Podemos citar como outras ações desenvolvidas pela nação Cambinda Estrela e seu “braço cultural”, o Centro Cultural Cambinda Estrela no território de Chão de Estrelas e imediações:

- Distribuição de cestas básicas (na pandemia, essa foi uma das principais ações voltadas a salvaguardar as pessoas detentoras do patrimônio) e oferta de lanche (antes das oficinas e demais atividades pedagógicas).
- Articulação com ONGs (como a Central Única de Favelas e o G10, grupo que reúne e articula as dez maiores favelas do Brasil) e outras nações de maracatu ao longo da pandemia em prol da salvaguarda do patrimônio imaterial¹⁵ (como Aurora Africana, Encanto da Alegria e Estrela Brilhante de Recife, por exemplo);
- As festividades na comunidade¹⁶, por sua vez, têm o foco de fortalecê-la cultural e economicamente através da parceria com afroempreendedores locais.

Wanessa Paula também afirmou, em 2022, que não é a favor do concurso das agremiações carnavalescas devido à competição instigada nos maracatus. No entanto, a nação que preside se manteve na disputa no Carnaval de 2023 e foi a terceira colocada, atrás de Encanto do Pina (campeã) e Encanto da Alegria (vice-campeã). Isso nos convida a refletir sobre a significação e importância do espaço da “Avenida” em que os maracatus realizam seus cortejos. Ferreira (2013) aponta que o desfile das agremiações como uma das estratégias dos maracatus-nação para “recriar suas práticas, de serem reconhecidos na cidade do Recife e de terem visibilidade, definindo identidade cultural e territorialidades no espaço urbano” (FERREIRA, 2013, p.178), além de “adquirir recursos financeiros para se manterem” (FERREIRA, 2013, p.179). Tanto o espaço da Avenida quanto o de outros espaços públicos

¹⁵ Algumas destas atividades foram realizadas através do Núcleo de Audiovisual da nação que gerencia a página da TV Cambinda, a qual realizou uma série de episódios do projeto “TV Cambinda: Transmitindo Saberes através da Internet”, através de financiamento, em parte do BNDES e, em outra, coletivo. Algumas lideranças de outras nações foram convidadas para conversarem sobre temas que versam sobre musicalidade, dança, religiosidade, vestimentas e adereços, espetacularização do/no maracatu-nação. O canal da TV Cambinda está acessível em: <https://www.youtube.com/@tvcambindaestrela773>.

¹⁶ É importante destacar que a prioridade da realização de festas na própria comunidade, na rua da sede, também se deve ao fato da grande desigualdade socioespacial na cidade de Recife. Em entrevista concedida à autora em Outubro de 2022, Wanessa Paula afirmou que, apesar da relativa proximidade de Chão de Estrelas em relação ao Centro do Recife ou do Recife Antigo, muitos detentores não possuiriam o dinheiro da passagem de ônibus caso a estratégia espacial do maracatu fosse a de realizar eventos culturais nestes bairros.



do centro do Recife e do Recife Antigo, de maior centralidade funcional, são estratégicos para o maracatu. Porém, ao que tudo indica, a centralidade simbólica está, principalmente, na própria comunidade de Chão de Estrelas, o que nos impulsiona a repensar a lógica centro-periferia.



Figura 7 – Entrada da Nação Cambinda Estrela na Avenida para o Concurso de Agremiações Carnavalescas de 2023, Recife (PE). Em primeiro plano, vê-se o estandarte da nação, e, no segundo, o carro abrealas com o peixe amarelo e vermelho, símbolo da nação Cambinda Estrela. Foto: A autora, Fevereiro de 2023.

As atividades desenvolvidas na sede, sejam as mais frequentes como oficinas e aulas de reforço ou os eventos de territorialidade periódica como festividades (profanas e/ou religiosas¹⁷) demonstraram a importância do espaço da cozinha, sendo este, inclusive, o primeiro cômodo em que conversei sobre minha pesquisa com a presidente do maracatu.

Todas essas ações articuladas pelas lideranças do Cambinda Estrela se aproximam do **quilombismo**, definido por Abdias do Nascimento como uma “práxis afro-brasileira” baseada na libertação/emancipação e autodefinição, no sentido do “comando da própria história” (NASCIMENTO, ano, p.255). Poderíamos acrescentar, também, o controle sobre o território.

¹⁷ Como festividade religiosa, é importante citar a *Acorda, Povo!* que ocorre anualmente no mês de Junho, há 17 anos, em homenagem ao orixá Xangô (Obá Kossô), patrono da nação Cambinda Estrela. A cozinha da sede é utilizada para a confecção das comidas, incluindo as sagradas, ofertadas e no salão da sede (no andar térreo) ocorre o Xirê para Xangô.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na nação Cambinda Estrela revelou que as diferenças de concepção do que é maracatu-nação também reverberam nas ações políticas *no* e *através do* território, e vice-versa, rompendo com a ideia estereotipada de que não há intencionalidade e estratégias quando se fala em culturas negras, patrimônios imateriais negros. Territorialidade (em termos de conhecimento, pertencimento e atuação no território da comunidade), coletividade, afirmação racial positiva e trabalho comunitário articulado em rede com ONGs e outras instituições, inclusive outras nações de maracatu, têm garantido direitos sociais e a salvaguarda do patrimônio cultural, o que nos permite afirmar a existência de uma geografia negra para além do Carnaval.

O Maracatu-Nação Cambinda Estrela desenvolve um trabalho bastante importante de fortalecimento cultural, pedagógico e comunitário que poderia ser melhor documentado por pesquisadora(e)s com interesse em investigar as fronteiras entre Educação “formal” e “não-formal” por abrigar, em sua sede, iniciativas que transitam por ambas as categorias. Também é fundamental considerar a necessidade de uma ética quilombista por parte de qualquer pesquisador(a) que tenha o desejo de trabalhar junto com as/os detentora(e)s desta e de quaisquer outras nações de maracatu.



REFERÊNCIAS

CABRAL, A. A. C. Reassentamentos de moradias populares: controle social, justiça social-territorial ou produção do espaço de cidadania (1980 a 2012). O caso da comunidade Chão de Estrelas – Recife/PE. **Tese** (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

FERREIRA, C. L. O espaço dos Maracatus-Nação de Pernambuco : território e representação. **Dissertação** (Mestrado em Gestão Ambiental e Territorial). Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

_____. O espaço dos maracatus-nação de Pernambuco: território e representação. In: Pp.165-198. GUILLEN, I. (org.). **Inventário Cultural dos Maracatus-Nação**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

_____. A Geografia do Maracatu-Nação de Pernambuco: representações espaciais e deslocamento de elementos no Brasil e no mundo. **Tese** (Doutorado em Geografia). Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GUILLEN, I. Entre bordados, costuras e tambores: a oralidade nos maracatus-nação de Recife, Pernambuco. Apontamentos para pensar o trabalho de campo e a história oral nos inventários do patrimônio imaterial. In: BAUER, Letícia; BORGES, Viviane Trindade Borges. (Orgs.). **História oral e patrimônio cultural: Potencialidades e transformações**. 1ed.São Paulo: Letra e Voz, v. 1, p. 113-135, 2018.

_____. Maracatus-Nação: História e Historiografia. In: GUILLEN, I. (org.). **Inventário Cultural dos Maracatus-Nação**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. Pp.11-26.

_____. GUILLEN, Isabel Cristina M. A formação de um mestre: saberes em circulação na cultura popular. **História Oral**, v. 9, n. 1, jan.-jun. 2006. pp.107-123.

GUIMARÃES, G. F. Geo-grafias Negras & Geografias Negras. **Revista da ABPN**, v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: “Geografias Negras”, Abril de 2020, p. 292-311.

_____. Geografia, Racismo, Antirracismo e Patrimônios. In: GUIMARÃES, Geny Ferreira. Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de suas heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial. **Tese** de Doutorado. 2015. Programa de Pós-graduação em Geografia, UFBA. 2015. pp.189-252.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HALL, S. **Cultura e representação**. (Traduzido por Daniel Miranda e William Oliveira). Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio : Apicuri, 2016.

LIMA, I. M. F. A distinção dos dois tipos de maracatus: a invenção de uma tradição. **Afro-Ásia**, n. 61, 2020. Pp. 158-190.

_____. Maracatu-Nação e grupos percussivos: diferenças, conceitos e histórias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, p. 303-328, jul./dez. 2014.

_____. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular. (1960 - 2000). **Tese**. (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2010.



MCKITTRICK, K. **Demonic Grounds**: Black women and the cartographies of struggle. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

_____. **Dear Science and other stories**. Durham: Duke University Press, 2021. Series: Erranties.

NASCIMENTO, A. Documento nº7: Quilombismo: um conceito científico emergente do processo histórico-cultural das massas afro-brasileiras. In NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980. Pp.245-280.